

## > COMO NOS TORNAMOS QUEM SOMOS. ENTREVISTA COM CHRISTINA TOREN

por **Aline de Paula Regitano**<sup>1</sup>

Professora emérita do Departamento de Antropologia Social da University of St. Andrews e diretora fundadora do Centre for Pacific Studies, Christina Toren tem atuado de modo determinante no traçado dos novos rumos da antropologia contemporânea. Suas contribuições aos estudos de Fiji/Pacífico, socialidade, parentesco e noções de pessoa, ontogenia como processo histórico, e epistemologia, são notáveis, e nortearam profundas reformulações teóricas em todo o mundo.

Nos encontramos para esta entrevista em sua casa em Dundee, na Escócia, no período em que ela supervisionava uma pesquisa que desenvolvemos na University of St. Andrews.

**Aline Regitano (AR):** Christina, você se formou em Psicologia e depois fez sua pesquisa de doutorado em Antropologia Social na London School of Economics. Você acha que a Antropologia precisa da Psicologia da mesma forma que a Psicologia precisa da Antropologia? Quero dizer, você acha que a dependência entre elas é mútua?

**Christina Toren (CT):** Eu acho que elas precisam uma da outra. Então, nesse sentido, sim, acho que a dependência é mútua. Mas elas não precisam uma da outra pelas mesmas razões. A Psicologia precisa da Antropologia porque eles realmente precisam entender que os humanos são historicamente constituídos, isso não é uma ideia, é claro, que eles particularmente têm; e, antropólogos precisam de psicólogos porque é importante não violar o que é realmente estabelecido sobre como o cérebro funciona, coisas assim. Então é você saber que a necessidade deles de saber sobre cada disciplina é mútua, mas operam de maneiras diferentes.

**AR:** Em *Making Sense of Hierarchy*<sup>2</sup>, você apresenta um método para trabalhar com desenhos de crianças. Como o seu interesse em desenhar veio como uma ferramenta de trabalho, foi uma herança da Psicologia?

---

1 Membro do Comitê Editorial da PROA. Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas. Tradutora desta versão da entrevista feita originalmente em inglês.

2 TOREN, Christina. "Making sense of hierarchy: Cognition as social process in Fiji". London: The Arthlone Press, 1990.

**CT:** Deve ter sido, em parte. Eu só estou tentando pensar...faz tanto tempo desde que eu comecei a olhar para esse material. Acho que Vygotsky pode ter influenciado os desenhos, ou Luria, pessoas desse tipo. Mas, para dizer a verdade, eu não estou absolutamente certa desse ponto, alguém o fez. Eu não fui a criadora dessa ideia brilhante. Mas eu acho que usei os desenhos de uma forma diferente de qualquer outra pessoa, porque eu estava realmente interessada em descobrir o que as crianças sabem sobre o mundo em que vivem e eu não estava “testando” elas. Eu não estava tentando descobrir sobre o desenvolvimento de sua perspectiva, digamos. Eu não tinha noção de que tipo de fim de desenvolvimento elas iriam chegar, eu estava usando os desenhos absolutamente para mostrar quais ideias as crianças tinham sobre o jeito que as coisas são.

**AR:** Você poderia nos contar um pouco como foi desenvolver esse método específico de trabalho com desenhos em sua pesquisa de doutorado?

**CT:** Eu suponho que uma das coisas que tenha me levado...Isso é realmente um *insight*, porque já faz quase 40 anos desde que eu fiz esse estudo, mas as crianças pequenas eram bastante cautelosas comigo, não apenas porque eu era uma pessoa de aparência incomum em seu grupo, mas porque elas eram cautelosas com os adultos em geral. E elas tinham certeza de que havia uma resposta certa, entende o que eu digo? Não faz sentido perguntar coisas para as crianças, a menos que você esteja fazendo isso de maneira muito informal, e ainda assim elas podem ficar um pouco preocupadas. Os desenhos pareciam uma maneira de fazer as crianças me contarem coisas, porque elas se divertiam fazendo isso, eu sabia que elas adoravam fazer isso, sabe, eu dei um papel legal e um lápis com borracha na ponta. Se você quer que uma criança fale é muito mais fácil ser capaz de dizer “puxa, esse é um ótimo desenho, quem é esse? Me fale sobre isso”. E, naturalmente, elas vão contar tudo sobre todas as coisas para você.

**AR:** Você argumenta sobre a pertinência de trabalhar um longo período com os mesmos interlocutores para ver as mudanças ao longo do tempo. Você trabalhou com as mesmas pessoas durante um longo período de tempo?

**CT:** Não, eles não são exatamente os mesmos, claro que não são. Quero dizer, em alguns casos eles são, então, os adultos com quem trabalhei durante esse período realmente tornaram-se amigos, pessoas que eu pude conhecer bem, mais ou menos da minha geração, se assim quiser. Com as crianças...é claro que conheço adultos com quem trabalhei quando eles eram crianças. O material que tive em mão é de diferentes gerações de crianças, então, você sabe, elas cresceram. Nesse sentido, eu estou trabalhando com a mesma pequena população, então, quando eu vou para Sawaieki<sup>3</sup> todo mundo sabe quem eu sou porque muitos deles me

3 O distrito de Sawaieke fica na ilha de Gau, parte do Lomaiviti, grupo central de ilhas que forma o arquipélago de Fiji.

conheciam quando eram crianças.

**AR:** Você afirmou uma vez que uma boa antropologia deve ser feita com um extenso trabalho de campo e notas de campo densas. Você acha que a escrita sozinha pode ser insuficiente?

**CT:** Bem, na verdade eu teria acabado uma melhor fotógrafa, o que não sou, e poderia ter sido útil. Mas eu acho que a câmera fica no meu caminho, então eu nunca me senti confortável com isso. Se eu tivesse trabalhado hoje, com o tipo de tecnologia muito simples que você tem, câmeras realmente fantásticas, e você faz vídeos incríveis com o seu Ipad e tudo mais, eu não tenho dúvidas de que teria feito muito disso. Então eu acho que você deveria ter dados de todos os tipos que você pode obter, porque tudo engrossa o caldo, não é? Mas eu ainda acho que escrever notas de campo terrivelmente ricas e densas é realmente uma boa ideia.

**AR:** Você acha que a disciplina antropológica é definida pela escrita etnográfica como uma questão central? Existe uma relação hierárquica entre escrita e imagem?

**CT:** Eu vou começar com o último pedaço. Suponho que tenha se desenvolvido dessa forma, pelo menos, se você pensar nisso como uma trajetória puramente acadêmica e estiver pensando em etnografia como análise, mas, é claro, há brilhantes filmes etnográficos. E, se existe uma relação hierárquica entre escrever e filmar, é um pouco bobo, não é? Porque claramente você pode ter uma fantástica análise etnográfica de filmes, assim como você pode ter uma fantástica análise etnográfica e escrita, então eu não acho que seja um dado. Qual foi o começo da sua pergunta?

**AR:** Você acha que a disciplina antropológica é definida pela escrita etnográfica como uma questão central?

**CT:** Eu acho que é definido pela *análise* etnográfica, que é um assunto diferente, porque, na verdade, você pode certamente ter uma excelente análise etnográfica através de um filme e por escrito, então é isso que a define para mim, não o meio.

**AR:** O que você considera ser as limitações das imagens? Por exemplo, você diz que não devemos fazer interpretações dos desenhos por eles mesmos, mas devemos usá-los como meios para acessar as (os) interlocutores e suas narrativas. Nesse sentido, como você acha que podemos definir os limites de expressão das imagens?

**CT:** Eu acho que as “limitações” não estão confinadas às imagens, porque você atinge limitações na fala, não é? Quando você pensa, com 6 meses no campo, que entende x, y e z, e então com

9 meses você pensa: “Meu Deus, na verdade eu estava completamente errada sobre x, y e z”, e você está trabalhando completamente a partir do que você está observando, do que é dito, do que é feito, mas você entendeu errado...Então, o trabalho com imagens, em certo sentido, tem, obviamente, o mesmo problema, porque você pode olhar para elas e pensar que você sabe do que vê, e na verdade você não sabe. Vou te dar um pequeno exemplo. Não é de Fiji. Esse é o desenho da minha neta Sharon, agora com onze anos, que ela fez quando tinha uns 3 anos, eu acho, e é uma imagem dela e da mãe. Então, quando você olha para ela, as pessoas obviamente pensam que esta [aponta para a menina maior] é sua mãe e esta [aponta para a menina menor] é ela: -Não! Absolutamente, não. Esta é ela [aponta para a menina maior], e essa é a mãe dela [aponta para a menina menor]. E se eu, na verdade, não tivesse perguntado a ela, eu teria assumido incorretamente que ela seria a pequena e sua mãe seria a grande, de modo algum, ela está no centro da imagem. Então, sabe, é apenas um exemplo, mas mostra o quão fácil é pensar que você tem alguma coisa...Você sabe, que você pode ver as coisas, mas você não pode.

**AR:** Então você acha que a questão refere-se mais à análise antropológica do que à natureza das próprias imagens?

**CT:** Bem, não, porque as pessoas dizem o que está acontecendo. Se a criança lhe disser o que está acontecendo no desenho, a natureza das imagens pode ser muito importante. Então, se você pegar este caso aqui [desenho da Sharon], ele diz muito quando você sabe. Uma vez que você sabe que esta é Sharon [aponta para a menina no centro do desenho], olhando para a imagem realmente ajuda você, porque você vê imediatamente que ela realmente é palco, em seu próprio mundo, ela desenhou isso espontaneamente, eu não pedi a ela para fazê-lo. Ela estava desenhando, eu “oh o que é aquilo?”. A mãe dela é incrivelmente importante, então ela está lá, sabe? Muito, claramente lá. Então não é que de alguma forma as palavras superem a imagem, absolutamente não, porque então você pode continuar e olhar mais para a imagem, e você pode realmente ver isso. Então, por exemplo, quando eu estava fazendo um estudo, com os desenhos das crianças da aldeia, foi muito interessante ver o que elas realmente conceberam. A igreja estava lá ou não? A aldeia estava lá ou não? Como foi a imagem apresentada a você? Você sabe, o palco da casa estava centrado e as outras coisas lá fora? Percebe o que quero dizer? Há muito a ser tirado da imagem, mas você precisa saber o que é retratado, você sabe...Que a construção é a vila da criança, que a maior é a minha casa. É esse tipo de pensamento, é por isso que você precisa saber.

**AR:** Você propõe um modelo de ser humano unificado no qual a mente é uma função de todo o corpo, que se transforma por meio de um processo social micro-histórico único. Você acrescentaria algum elemento a esse modelo de ser humano hoje em dia?

Em relação à publicação de “Mind, Materiality and History”,<sup>4</sup> há algo que você mudaria?

**CT:** Eu teria que voltar a ela e lê-la, para realmente responder à essa pergunta. Mas provavelmente não. Provavelmente, o que eu faria é tentar ajustá-la, para torná-la mais clara, porque uma coisa que eu acho é que biólogos, pessoas que leem o meu trabalho, realmente não entendem tudo. Alguns sim, mas muitas pessoas não. Quando falo de mente, eu realmente entende mente como *um aspecto do corpo todo constituído ao longo do tempo, em relações subjetivas, com outras pessoas no contexto do mundo*. Não quero dizer que seja apenas uma função disso (apontando para a região da cabeça). Eu realmente quero dizer que é uma função disso (apontando para o corpo todo) em relação a todas as outras pessoas neste mundo em que vivemos. Então, os biólogos querem que eu simplesmente tenha uma ideia de que a mente é uma função de todo o corpo. Não, isso não é suficiente. É uma função de todo o corpo e de relações subjetivas, dentro do ambiente do mundo. Então, eu estou tentando imensamente descobrir maneiras melhores de dizer isso, de quebrar esses modelos binários. Se você olhar para alguém como Evan Thompson, brilhante Evan Thompson, e seu fantástico modelo fenomenológico da mente corporada...Mas mesmo ele tem “cultura” como um tipo de domínio separado. Bem, isso não funciona para mim. E isso é uma coisa muito problemática, porque direi, como sempre disse, não é algo novo para mim, que a cultura não faz sentido para mim como uma espécie de domínio. Eu não tenho ideia do que é isso, apesar de tudo que foi escrito por gerações de antropólogos culturais. Dizendo isso, eu estou atacando a validade de uma disciplina inteira. Bem, não há como se livrar inteiramente disso, não é? Você sabe, é interessante, é exatamente o mesmo tipo de problema com o que você tem originalmente, o debate sobre a natureza / nutrição. É uma dimensão desse debate, mas se você for superar a distinção binária entre natureza e cultura, é necessário que você realmente tenha em mente a ideia de que os processos constituintes estão transformando processos, acontecendo o tempo todo, o tempo todo. E isso se aplica tanto quanto à evolução. História e evolução são contínuas. Isso faz sentido?

**AR:** Sim. Na verdade, isso nos leva à minha próxima pergunta. Bem, você já me respondeu sobre os conceitos binários tais como natureza / cultura, afirmando que não podemos nos livrar completamente dessas noções. Desde o Key Debate<sup>5</sup> organizado por Tim Ingold, no qual você e Marilyn Strathern provaram a

4 TOREN, Christina. *Mind, materiality and history: Explorations in Fijian Ethnography*. London: Routledge, 1999.

5 No período de 1988 a 1993 Tim Ingold organizou o *Key Debates Anthropology*, na University of Manchester, evento anual que reuniu importantes antropólogas(os) sociais para debater determinado tema, referente aos desenvolvimentos teóricos correntes da disciplina. O segundo debate da série foi sobre o conceito de sociedade, conduzido por Christina Toren e Marilyn Strathern, em oposição a Philippe Descola, que defendia o uso do termo. Ver: INGOLD, TIM. “Key Debates Anthropology”, London/ New York, Routledge, 1996.

obsolescência teórica do conceito “sociedade”...

**CT:** Bem, eu estou feliz que você tenha dito que nós provamos, Aline. Não tenho certeza de que todos concordariam com você, mas de qualquer forma, vá em frente.

**AR:** Vocês claramente provaram. Eu gostaria de perguntar o que você acha que mudou desde então, essa questão foi superada?

**CT:** Essa é uma pergunta muito interessante, porque, é claro, se você pensar em termos de categorias etnográficas, cultura, sociedade, nutrição, todos esses termos são de uso comum, então você poderia fazer um brilhante estudo etnográfico de como essas ideias são constituídas, você sabe, o que eles significam para a maneira como as pessoas vivem umas com as outras no mundo. Em outros mundos. Em Dundee<sup>6</sup>, como esses termos são usados por pessoas reais? Você poderia fazer um estudo sobre quais sentidos as crianças estão atribuindo ao uso desses termos. A cultura está certa, você conhece a “cultura”, está em todo lugar, usada de forma completamente diferente por pessoas diferentes, assim como você esperaria que fosse para o termo sociedade. Então você poderia fazer uma análise etnográfica fantástica, na verdade eu adoraria que alguém fizesse isso. Se os próprios antropólogos estão ou não muito conscientes do fato de que você não pode tomar qualquer termo analítico como dado é outra questão, porque às vezes as pessoas parecem estar muito conscientes de que você não pode aceitar termos como dados, se eles estão olhando para algo como hierarquia, por exemplo, e então isso se perde quando se trata de um termo como cultura, com que eles podem parecer felizes o suficiente para aceitar...Entende o que eu quero dizer? Então, eu tenho certeza que isso ainda está acontecendo. Quero dizer, lá fora, há antropólogos ensinando estudantes, tudo sobre “sociedade”, tudo sobre “cultura”, eu tenho certeza absoluta que é o caso, e da mesma forma há pessoas que dizem “por favor, não leve esses termos como dado, estes termos analíticos não são dado na natureza das coisas, e assim por diante.

**AR:** E sobre o conceito de socialidade, você vê as limitações de seu uso? Faz sentido para você usá-lo localmente, bem como de modo mais geral?

**CT:** Ah sim, é um problema, não é? Porque este é basicamente o problema: temos de falar um com o outro, e queremos conversar sobre coisas que consideramos muito importantes, sobre o que é ser humano e assim por diante, então um termo como socialidade é útil desde que você não tenha um lugar separado para ele. Na teoria psicológica, você pode ter uma espécie de cognição que não é necessariamente informada pela socialidade. É quando você está de volta ao debate “natureza / nutrição”. Então, enquanto você está dizendo que

6 Dundee é uma cidade que fica na costa leste da Escócia.

a socialidade é em si mesma historicamente constituída como qualquer outro aspecto do ser humano...Seus jeans são historicamente constituídos, contanto que você esteja atento a isso, então sim, você está bem. Mas, claro, se você estivesse trabalhando, digamos...Você está trabalhando com pessoas Mehinako<sup>7</sup>, e você fala bem a língua Mehinako, você pode encontrar um termo que é semelhante, então você pode discutir sobre o que você sabe, a natureza do termo, não pode? E você pode começar a ver como essas coisas falam umas com as outras sobre como você está falando com a mesma coisa, quão diferente é o fenômeno que você está falando.

**AR:** Então você acha que seria interessante tentar aproximar-se dos termos locais e da língua local para algo relacionado a essa ideia de socialidade?

**CT:** Só se você puder ver que as pessoas com as quais você está trabalhando são meio que fascinadas pela mesma coisa que você, porque uma das principais coisas que você aprende como antropólogo é que geralmente quando você está fazendo seu primeiro longo período de trabalho de campo, você vê que suas obsessões não são necessariamente as obsessões das pessoas com quem você está trabalhando, e você pode abandonar tudo, você sabe...apenas jogar fora todas as coisas que você originalmente pensava que iria trabalhar, e descobrir a si mesmo indo por um caminho completamente diferente, porque esse é o caminho pelo qual as pessoas estão te levando, porque é disso que elas estão falando o tempo todo, é o que elas estão fazendo, é o que as preocupa, é onde as relações mais importantes residem. Então isso te leva para um tipo particular de caminho.

**AR:** E isso aconteceu com você em Fiji?

**CT:** Bem, absolutamente, porque eu queria trabalhar naquilo que naqueles dias era chamado “o domínio do simbólico”, que na verdade não saberia o que eu estaria fazendo até que isso se transformasse em algo que eu não soubesse. Por outro lado, entre os meus trabalhos, fiz coisas próximas com as crianças, você sabe... o volume de conservação, todo tipo de coisa que eu nunca usei.

7 Povo falante de língua da família linguística Aruak, que vive na porção Sul da Terra Indígena do Xingu (Alto-Xingu), às margens do rio Curisevo.

**AR:** Então você explora a ontogênese lidando com subjetividade, consciência e socialidade, mas você não assume o conceito de agência, que tem sido explorado por antropólogos como Alfred Gell<sup>8</sup>, Marilyn Strathern<sup>9</sup> e Tim Ingold<sup>10</sup>. Quais críticas você endereça à esta categoria?

**CT:** Eu acho que agência é um termo muito escorregadio e é por isso que provavelmente, em parte, eu não use. Eu nunca entendi realmente o que isso significa. Agora, como usado por, digamos, Marilyn Strathern e Alfred Gell, eles falavam principalmente sobre a capacidade de agir. É claro que é algo que você pode analisar etnograficamente, mas quando as pessoas estão falando de agência, ela de alguma forma não está confinada à capacidade de agir, chega a ter tons de escolha e individualidade, e todo tipo de coisa que clama por análise por si própria. E, claro, embora eu ache que você talvez ouça, até certo ponto, algumas pessoas falando se têm ou não agência, ou se outras pessoas têm agência, e quem é um agente e quem não é, não é realmente um desses termos que as pessoas geralmente estão usando, é? E eu não sei, eu acho muito escorregadio. Eu não acho incrivelmente útil. Entendo por que Marilyn o usa, porque em sua análise das relações entre as relações e assim por diante, sua análise de gênero, a capacidade de agir tem tudo a ver com a natureza dessas relações. Alfred, ele fala da agência do objeto, é isso mesmo, não é? Eu acho isso muito problemático, porque até onde eu pude ver sempre teria que ser uma questão de projeção.

**AR:** Pode ser que às vezes a gente aja sem projeção?

**CT:** Não, não, desculpe. Você sempre tem a projeção, mas não é consciente. Você tocou no problema real com a agência. Todas as coisas que você faz são como se já tivessem sido decididas antes de você ter consciência do que vai dizer e fazer. Então onde entra o aspecto de escolha da agência? Eu diria, e eu digo sobre mim aqui, que eu gosto de pensar que eu escolho entre fazer isso ou fazer aquilo, mas na verdade, quando se trata disso, sei que minhas escolhas foram pré-concebidas em quem eu sou no ponto em que as faço. Elas já estão prontas. O fato de eu ser capaz de fazê-las, de falá-las, não exclui esse processo.

**AR:** Em “Challenge of Epistemology”<sup>11</sup> você organiza com João de Pina-Cabral uma coleção dedicada a refletir entre outros tópicos sobre a epistemologia e a

<sup>8</sup> Ver, por exemplo, GELL, Alfred. *Art and agency: an anthropological theory*. Oxford: Clarendon, 1998.

<sup>9</sup> Ver, por exemplo, STRATHERN, Marilyn. *Dealing with inequality: Analysing gender relations in Melanesia*

<sup>10</sup> Ver, por exemplo, INGOLD, Tim. *Bringing things back to life: creative entanglements in a world of materials*. *Material Worlds Symposium*, Brown University.

<sup>11</sup> Toren, Christina; Cabral, João de Pina (eds) (2011). *The challenge of epistemology: anthropological perspectives*. New York: Berghahn.



ontologia examinando as condições e o alcance do conhecimento antropológico. Como foi sua reunião com de Pina-Cabral e o que inspirou vocês a organizarem este livro?

**CT:** Eu conheço João há muito tempo, nós certamente nos juntamos para olhar para esta questão, mas é claro, eu sempre tive esse interesse por epistemologia, porque se você olha para a ontogenia, isso é parte do que você está fazendo. A medida em que eu pensei sobre isso, o que não levou muito tempo, entendi ontologia e epistemologia como aspectos uns dos outros. Então o ponto que você chega onde todo mundo está falando sobre ontologia - e eu sou uma grande admiradora do trabalho de Eduardo Viveiros de Castro, então esse não é um tipo de posição antiantropológica - me mostra imediatamente como essa ontologia foi constituída e as suas dimensões. Todo mundo pode fazer tudo, então não é uma questão de dizer que as pessoas não deveriam estar olhando para a ontologia, é claro que deveriam estar, absolutamente, mas é uma coisa a se ter em mente é que as perguntas não respondidas ainda estão lá, e respondê-las significa um aspecto realmente importante de entender essa ontologia em si, porque ela é historicamente constituída. O problema surge logo quando as pessoas pensam que encontraram a pedra filosfal em um pedaço ou outro, que é sempre o problema “você tem que ir por este caminho” “oh não, você tem que ir por aquele caminho”. Eu sempre tentei fazer tudo ao mesmo tempo para pelo menos manter isso em mente, sabe?

**AR:** Quais desafios e caminhos você imagina para a antropologia social seguir daqui em diante?

**CT:** Suponho que seja o mesmo que sempre foi. Eu acho que a coisa que deve conduzir as pessoas é compreender os seres humanos como historicamente constituídos, em todos os aspectos de quem são, em todas as dimensões do seu ser. Todos nós sabemos agora que estamos cercados de pessoas com as histórias mais complexas, de todos os lugares do mundo, e há diferentes entendimentos do que está acontecendo, encontrando um ao outro, mas eles não estão fazendo as pessoas iguais, de qualquer maneira óbvia, absolutamente. Então, realmente, entender esse processo, você sabe, *como nos tornamos quem somos*, parece-me exatamente o mesmo desafio que sempre estive lá. Isso significa que você realmente precisa entender a natureza do desenvolvimento histórico da antropologia também. Você não pode simplesmente dizer que isso não é mais relevante, porque mesmo para lidar com a sua própria disciplina, você tem dar uma olhada de onde veio, então eu acho que os problemas são muito parecidos. Eles são interessantes. Você tem que fazer isso de uma maneira diferente, mas eu não acho que você realmente seria capaz de superar a observação participante de longo prazo. Eu acho ela absolutamente crucial. Eu também acho que é muito bom que as pessoas trabalhem com pessoas que não são iguais a elas mesmas. Uma

pessoa fijiana fazendo um estudo na montanha na PNG<sup>12</sup>, ou uma pessoa de Fiji fazendo estudo na França rural. Isso seria realmente interessante, eu acho, mas infelizmente há uma ideia crescente de que você não tem permissão para fazer isso, de uma forma ou de outra, você só deveria estar olhando as ideias de pessoas que são como você porque qualquer outra coisa é “apropriação cultural”. O que é absolutamente absurdo. Eu entendo porque as ideias se desenvolveram. Eu entendo tudo sobre história colonial e tudo mais. Tudo bem. Uma vez que você se livra disso, você não quer perpetuar algum tipo de ideia absurda que coloca as pessoas em caixas de necessidade daquilo que lhes é permitido ou não permitido pensar ou fazer. E eu acho que isso é realmente um problema genuíno.

**AR:** Então você considera ser diferente importante em termos de alteridade?

**CT:** Bem, todos nós somos sempre diferentes, mas sim, é absolutamente maravilhoso. Eu realmente acho maravilhoso, e é isso que você descobre quando conhece outras pessoas, não é? Quando você conhece pessoas absolutamente diferentes de si mesmo e eu acho que digo na introdução de “Mind, Materiality and History”, está em algum lugar, a resposta é assumir as diferenças que você consegue por muito tempo, e é claro, quando você descobre a similaridade, funciona exatamente da mesma maneira. Quando você assume semelhanças, então você encontra alguém e pensa “Oh Deus, temos muitas coisas em comum. Você faz isso? Eu também.”, vocês convivem e então aparecem as diferenças. É assim que funciona. Mas acho que há algo absolutamente fascinante em conhecer sobre as pessoas. Eu sempre pensei isso.

## ENTREVISTA EM VÍDEO

<https://www.youtube.com/watch?v=2HxAKs2ecb8&t>

---

12 Papua Nova Guiné.